

Culcita macrocarpa C. Presl

Dicksonia culcita L'Hérit e *Balantium culcita* Kaulf. (PALHINHA, 1966). *Balantium culcita* (L'Hér.) Kauffm. (HANSEN & SUNDING, 1985).

Cabelinho e Feto-do-cabelinho, nos Açores (PALHINHA, 1953). Feto-abrum na Madeira e Portugal Continental (PALHINHA, 1966; FERNANDES & QUEIRÓS, 1980).

A *Culcita macrocarpa* C. Presl foi observada pela primeira vez, nos Açores, nas ilhas do Faial, S. Miguel, Pico e Flores, durante a expedição botânica de Guthnick e Hochstetter (pai e filho) em 1838 (SEUBERT, 1844). Neste trabalho de SEUBERT é chamada de *Dicksonia culcita* (L'Hérit.). A designação de *Culcita macrocarpa* é da responsabilidade de Presl, tendo sido publicada na Tent. Pteridogr.:135 de 1836 (PALHINHA, 1966). Em termos de ecologia, esta espécie tem sido referida como ocorrendo geralmente até 600 m de altitude (SEUBERT, 1844); em S. Miguel e Pico como ocorrendo também abaixo dos 500 m, enquanto que nas ilhas Terceira e Faial se reporta o limite inferior de 400 m (PALHINHA, 1966). Confirmou-se que, em algumas ilhas, esta espécie ocorre abaixo dos 150 m, no entanto dada como rara (SJÖGREN, 1973); também para a Terceira existe a informação (ILÍDIO GONÇALVES, informação oral) de que existiria até há pouco tempo uma população a cerca dos 100 metros de altitude (Lapinha, Viha Brava). SJÖGREN (1973) descreveu o *habitat* desta planta como sendo locais tipicamente húmidos de prados fortemente expostos, ravinas e crateras fracamente expostas. Acrescenta ainda margens das lagoas, acima do nível da água, embora mais frequente em solo nú e correntes de lava recente onde a camada de húmus é pouco espessa. O espaço ocupado por estes *habitats* são, nos Açores, muito restrito, pelo que, se por um lado indicam a grande variedade de locais por onde a espécie se encontra, por outro são, certamente, uma parcela muito restrita e marginal dos principais *habitat*. Como se verá, a grande percentagem das populações encontra-se associada a grandes manchas de formações arborescentes (matos e florestas).

Distribuição

Península Ibérica: Espanha e Portugal.

Macaronésia: Canárias, Madeira.

Açores: S. Miguel, Terceira, Pico, Faial e S. Jorge, Flores e Corvo

Corologia

A *Culcita macrocarpa* C.Presl é um endemismo Macaroneso-ibérico.

Protecção e status

A *Culcita macrocarpa* C. Presl é protegida pela Convenção de Berna (1992) - Anexo I, e pela Directiva *Habitats* 140/99 Diário da Republica - Anexo II. Esta espécie está considerada como Vulnerável (VU) uma vez que as suas populações, além de fragmentadas, apresentam um declínio contínuo de área, extensão e/ou qualidade do *habitat*.

Tipo funcional

Um pequeno feto arbóreo, geralmente ramificado que, nos indivíduos adultos, apresenta um caule erecto e ramificado, que pode atingir 2 metros de altura em florestas hiper-húmidas. Estes caules, mais largos no topo do que na base, formam uma larga plataforma, nestas florestas, importante substrato para germinação de outras vasculares (incluindo arbóreas) fora do solo encharcado (DIAS, 1996). A sua copa em forma de hemisfério irregular pode possuir então folhas de 2 metros, embora sejam mais frequentes tamanhos de 1,5 m. De limbo triangular, tornam-se, pela sua dimensão, sensíveis aos ventos; são de cor verde escura o que implicará também uma grande sensibilidade desta espécie à luz directa. Tem um ciclo de vida perene. O ápice do rizoma, as folhas jovens e a base dos pecíolos são recobertos por densas e longas catáfilas arruivadas. Este revestimento permite suportar condições frias, mesmo que as folhas maduras fiquem destruídas, como acontece muitas vezes nas populações de montanha dos Açores, onde a temperatura pode descer a cerca de 0°C (DIAS 1996).

Habitat

De acordo com as observações feitas, as populações desta espécie desenvolvem-se, actualmente, entre os 200 e os 900 m de altitude, com maior frequência de populações entre os 500 e os 700 m. A primeira impressão que se obtém na recolha de dados de campo desta espécie é a sua larga amplitude ecológica, estando a *C. macrocarpa* associada a um conjunto de condições físicas, mas pouco dependente da comunidade vegetal associada. Aparecem então, em zonas altas, pouco alteradas pelo Homem, por largas manchas que se estendem por várias centenas de ha e por vários tipos de comunidades. São casos expressivos deste comportamento: Pico da Vara em S. Miguel, Lomba-Serra de Sta. Bárbara, Ferraria-Pico Alto, Biscoito Rachado e Terra Brava na ilha Terceira, Mistérios da Praínha, Caveiro-Lagoa do Caiado e Montanha – Mistério de Sta. Luzia, na ilha do Pico, Caldeira do Faial e Planalto do Morro Alto na ilha das Flores.

No padrão de tendências ecológicas, aparece uma clara dependência do ensombramento (60% populações heliofitas), que pode ser obtido num sub-bosque, mas não só, também em encostas a Norte (38%), vales ou caldeiras, condições de abrigo e de solos turfosos encharcados (55% das populações). Por outro lado, o gradiente térmico dos Açores não parece ser limitativo, com grandes populações aos 1000 metros onde a temperatura pode baixar a cerca dos 0°C, e algumas populações aos 200 metros, com temperaturas mais mediterrânicas, desde que exista humidade no solo, mas onde as produções agrícolas dominam.

A larga amplitude ecológica levou-nos reunir as principais formações vegetais identificadas onde esta espécie foi assinalada. Embora numa lista muito extensa, recolhe-se, no entanto, informação de que a espécie se associa a um estrato herbáceo alto típico das formações arborescentes açoreanas (com cerca de 1-2 metros), junto com o *Dryopteris azorica*, *Diplazium caudatum*, *Pteridium aquilinum* e, por vezes *Pteris incompleta*. Por outro lado, nas formações mais rasteiras, como matos baixos, pode aparecer, mas com um estrutura de crescimento rastejante e folhas diminutas, formando um estrato baixo, a não mais de 0.5 m, junto com *Dryopteris aemula* e *Blechnum spicant*. No entanto, é nas formações arborescentes encharcadas (de DIAS 1996: Bosques de cedro, Mato Arborescente Encharcado, Floresta Hiper- húmida Laurifólia e Florestas de Ilex) que a espécie encontra, actualmente, o seu óptimo de densidade e crescimento, possuindo sempre um caule ascendente (por vezes com mais de 1 metro), e

coberturas acima de 50%. É por isso considerada como espécie característica destas formações (DIAS 1996), para além de ser um elemento estruturante fundamental, nomeadamente na formação de *hummocks*, dos quais dependem outras espécies para germinação.

Ameaças

Podemos realçar como principais ameaças antrópicas desta espécie, o pastoreio (21%) e pisoteio marginal (24%), avanço de exóticas (30%) e o abate de árvores (20%). De acordo com os dados de inventariação parece que as principais ameaças potenciais dizem respeito a ameaças naturais como fogo (24%) erosão (24%) e desabamentos (28%). De acordo com a inventariação de campo efectuada, 27% das populações de *C. macrocarpa* não apresentavam qualquer ameaça.



Figura 1 – Ameaças encontradas para as actuais populações *C. macrocarpa*. Outras agressões - Passagem de animais domésticos Arroteamento, Herbivorismo, Abertura de caminhos, Recolha selvagem espécimes e Depósito de entulhos.

Informação Ecológica

Tabela 1: Avaliação do estado de Conservação/Populacional de *Culcita macrocarpa*

Ilha	SIC	Espécie	População	Conservação
Pico	Mistério da Prainha e Caveiro	<i>Culcita macrocarpa</i>	C	B
Pico	Mistério da Prainha e Caveiro	<i>Culcita macrocarpa</i>	C	A
Pico	Montanha do Pico	<i>Culcita macrocarpa</i>	B	B
São Jorge	Costa Nordeste	<i>Culcita macrocarpa</i>	C	C
São Jorge	Zona Central - Morro Alto	<i>Culcita macrocarpa</i>	C	A
Faial	Caldeira e Capelinhos	<i>Culcita macrocarpa</i>	C	A
S. Miguel	Lagoa do Fogo e Lombadas	<i>Culcita macrocarpa</i>	C	B
Terceira	Serra de Santa Bárbara e Pico Alto	<i>Culcita macrocarpa</i>	B	A

Observação: estas classificações são realizadas de acordo com as regras estabelecidas pela Comissão Europeia DG XI.D.2

* **População:** tamanho e densidade da população da espécie presente no sítio em relação à população do território nacional.

A: $100\% \geq p > 15\%$

B: $15\% \geq p > 2\%$

C: $2\% \geq p > 0\%$

D: População não significativa

* **Conservação:** grau de conservação das características do habitat que são importantes para a espécie em causa e com possibilidades de recuperação.

A: Excelente conservação

B: Boa conservação

C: Conservação média ou reduzida